

# Diversão & Arte

## CONSCIÊNCIA NEGRA

» NAHIMA MACIEL

**F**oi Emanoel Araújo quem deu a ideia ao diretor Luiz Antonio Pilar de levar ao palco a história de dois artistas cuja negritude fez com que ficassem apagados da história da arte brasileira. João e Arthur Timótheo da Costa foram nomes importantes para o modernismo que fez de Tarsila do Amaral e Cândido Portinari ícones da arte nacional, mas poucos brasileiros ouviram falar neles. Foi na tentativa de preencher essa lacuna que Pilar criou a peça *Os irmãos Timótheo da Costa*, em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Diretor com experiência em novelas como *Xica da Silva* e ganhador do Prêmio Shell de Melhor Direção pelo musical *Leci Brandão*, na palma da mão, Pilar seguiu o conselho de Araújo, que chegou a dedicar uma exposição aos artistas irmãos no Museu Afro Brasil, e trouxe para o palco a trajetória trágica e brilhante dos Timótheo.

Netos do compositor Henrique Alves de Mesquita, João e Arthur estudaram na Escola Nacional de Belas Artes e foram influentes no fim do século 19 e início do 20. "Fui ler a história das caras e tem pouca coisa. Mas descobri que conviveram com expoentes das artes, que têm uma importância no movimento de 1922 e que venderam quadros para muita gente", conta Pilar. "Eles não morreram pobres, mas foram totalmente

invisibilizados. Hoje, os grandes especialistas em artes plásticas no Brasil têm os caras em grande conta, mas a população, principalmente a comunidade preta, desconhece completamente."

Os irmãos foram muito produtivos, mas boa parte das pinturas acabaram em coleções particulares. Algumas podem ser vistas no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA/RJ). Eles também tiveram um fim trágico. Depois de contrair sífilis, Arthur acabou internado no Hosptício Nacional de Alienados, na mesma época em que Lima Barreto foi confinado à instituição para tratar o vício em álcool. Mais tarde, João seguiria o mesmo destino, a pedido, depois de perder a filha de 6 anos. Os dois morreriam do mesmo mal, conhecido como demência paralítica. "Nosso espetáculo tem o objetivo e a meta de contar a história desse apagamento do homem preto no pós-abolição, quando essa população era levada ao manicômio ou às prisões, ou por acharem que eram loucos, ou vadios, num momento em que o estado não se preparou, de forma alguma, para cuidar daqueles que foram alforriados", conta Pilar, que também dirigiu a cinebiografia *Lima Barreto*, ao terceiro dia. "Essas pessoas no meio da rua enchem a prisão, o manicômio e

PEÇA  
RECUPERA A  
HISTÓRIA DE JOÃO E  
ARTHUR TIMÓTEO DA  
COSTA, ARTISTAS  
PRECURSORES DO  
MODERNISMO QUE  
ACABARAM  
INVISIBILIZADOS PELO  
RACISMO

o hospício. E isso tem um reflexo hoje muito grande. Essa comunidade foi jogada à marginalidade."

Como há pouquíssima informação sobre a vida dos artistas, a dramaturga Claudia Valli optou por criar uma narrativa na qual uma pesquisadora sai em busca da trajetória de João e Arthur. Com 39 anos de experiência em produções da Globo, do Multishow e do Canal Futura, Valli lembra que o esquecimento é a maior violência sofrida pelos

irmãos. Ambos, segundo ela, foram apagados da história da arte brasileira, embora estejam entre os precursores do modernismo, movimento que colocou o Brasil no mapa internacional da arte. No palco, a pesquisadora Irene, vivida pela atriz Jeniffer Dias, trabalha no texto de uma peça sobre os irmãos Timótheo da Costa, mas a falta de material a faz optar por estratégias dramaturgicas que envolvem contar, também, a vida de outros pretos invisibilizados. "Para a dramaturga recriar aspectos da vida deles de que não têm informação, ela criou a partir do aspecto de vida de outros. E isso nos permite um exercício", diz Pilar.

Cinco atores dividem a cena, incluindo uma autora, o alter ego da dramaturga — Lucas da Purificação, Luciano Quirino, Pablo Áscoli e Sérgio Kauffmann. A direção musical de Muato deve espaco para as composições do avô dos artistas, Henrique Alves de Mesquita, com músicas executadas ao vivo e letras inéditas para serem cantadas em cena. A ideia é criar um clima realista ao mostrar como era a vida dos pretos brasileiros no fim do século 19 e início do 20, no momento logo após a abolição da escravidão.

A intenção de Pilar também foi aproximar a história dos dias de hoje. "Quando a gente critica, a gente tenta fazer uma ponte com hoje", avisa. Nascidos em uma família muito unida e muito pobre, os irmãos se interessam por arte desde cedo, ganham uma bolsa e vão estudar artes. Arthur experimenta diversas técnicas de pintura ao longo da carreira e não hesita em misturá-las a experiências inovadoras. "Nenhum dos dois se prende a um modelo clássico de pintura. E eles viveram o tempo todo nas altas rodas", conta o diretor, que aponta como característica da obra a postura de nunca colocar figuras pretas em situações de violência, opressão ou subalternidade. "Tem dignidade, tem trabalho, tem introspecção. Eles pintam a alma do negro, não só o corpo. Isso, para a época, é muito moderno, porque a gente está muito habituado a essas imagens de negro no pelourinho, mas eles vão pintar outros aspectos", explica Pilar.

### OS IRMÃOS TIMÓTEO DA COSTA

**Divulgação**  
Os Irmãos Timótheo da Costa

**Direção:** Luiz Antonio Pilar.  
Hoje, às 20h, e amanhã, às  
18h30, no Teatro I do CCBB  
(SCES Trecho 02 Lote 22).  
**Ingressos:** R\$ 15 (meia) e  
R\$ 30, disponíveis no site  
[bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura) ou na  
bilheteria do CCBB Brasília.  
Não recomendado para  
menores de 12 anos

Jennifer Dias  
interpreta  
a personagem  
de uma pesquisadora  
da vida dos irmãos  
Timótheo da Costa



**Nosso espetáculo tem o objetivo e a meta de contar a história desse apagamento do homem preto no pós-abolição, quando essa população era levada ao manicômio ou às prisões, ou por acharem que eram loucos, ou vadios, num momento em que o estado não se preparou, de forma alguma, para cuidar daqueles que foram alforriados"**

Luiz Antonio Pilar

# OS IRMÃOS GENIAIS